

GARCÍA-DILS DE LA VEGA, Sergio; ORDÓÑEZ AGULLA, Salvador, *Los Mosaicos de la Domus I de la Plaza de Armas del Alcázar Real de Écija*, Écija / Sevilha, Universidad de Sevilla / Real Academia de Ciencias, Bellas Artes y Buenas Letras “Luis Vélez de Guevara”, 2022, 134 pp. ISBN: 978-84-09-43842-6 (rustica) e 978-84-09-43842-3 (pdf).

Este volume, em formato A4, papel cuchê muito encorpado, com abundantes ilustrações a cores no final (84 figuras e um plano, nas páginas 89 a 134), apresenta-se como um trabalho científico de prestígio, a cuja edição, por tal motivo, várias entidades locais não regatearam em dar o seu apoio, irmanadas, sem dúvida, no orgulho de terem na sua cidade um património que intrinsecamente alia a História, a Arqueologia e... a Beleza!

Remonta ao imperador Augusto a fundação da *Colonia Augusta Firma Astigi*, actual Écija, cidade no território de Sevilha, Andaluzia. Teve García-Dils a oportunidade de estudar já a sua evolução urbana (*Colonia Augusta Firma Astigi*, Sevilha, Editorial Universidad de Sevilla, 2016).

Neste volume, centram os autores a sua atenção no estudo meticuloso dos mosaicos de uma das *domus* posta a descoberto no próprio contexto urbano. García-Dils dirige a Oficina Municipal de Arqueología de Écija desde 1999 e Salvador Ordóñez é professor catedrático da Universidade de Sevilha, tendo estudado, já em 1985, a *Colonia Augusta Firma Astigi* na sua memória de licenciatura, ou seja, estamos perante dois autores estreitamente ligados ao tema que no livro se aborda.

Depois de uma brevíssima nota acerca do que foram os trabalhos arqueológicos levados a cabo na Plaza de las Armas del Alcázar Real, nomeadamente nesta casa de peristilo (p. 15-17), a atenção centra-se no mosaico do Sátiro-Sileno do *tablinum* (p. 19-24), para se acercar depois (p. 25-51) do mosaico dos Amores de Zeus que pavimenta o *triclinium*, demorando-se, por fim, os autores na descrição e procura de paralelos para as figuras que estão no mosaico do peristilo (p. 53-70).

Aliás, é de salientar o cuidado posto em identificar imagens incompletas. Veja-se o caso da imagem de *Helios*, de que se perdeu parte bem

significativa, «devido à construção do pano de muralha que parte em duas a *Domus I*». E trata-se de *Helios* porquê? Vale a pena transcrever o essencial da justificação aduzida:

«Em primeiro lugar, a representação como um jovem personagem que ostenta abundante e desordenada cabeleira [...]. Em segundo lugar, o chicote, um dos principais atributos do deus, vinculado à sua caracterização como condutor da quadriga solar. [...] Por último, a presença, no mesmo pavimento, de Selene» (p. 57), sabendo que «Helios e Selene conformam um par divino que representava o conceito de um ciclo ordenado e compreensível» (p. 58).

Por conseguinte, foi esse, o da identificação das imagens, o trabalho mais minucioso, em que os autores souberam lançar mão de toda a vasta informação de que dispunham para aduzirem paralelos justificativos da interpretação dada, tarefa nada fácil nem facilitada porque nem sempre – como se acabou de ilustrar – a figura estava completa, e cumpria, mediante cuidada observação dos elementos preservados, sugerir a reconstituição total. Diga-se, para já, que para isso lhes valeu o conhecimento exaustivo que ambos possuem da enorme panóplia de mosaicos achados por esse Império afora, mormente no Norte de África e no Médio Oriente.

Nas notas finais, propõem os autores que um dos estranhos espaços encontrados se interprete como «um amplo salão, total ou parcialmente coberto, que abriria para o peristilo pelo seu flanco meridional, sem nenhuma outra separação do mesmo a não ser, eventualmente, um umbral corrido ou algo semelhante» (p. 71), o que constitui uma novidade, na medida em que pode interpretar-se, de facto, como um salão aberto, de receção.

Sublinha-se, nas considerações estilísticas, que este estudo veio confirmar o que se tem dito acerca da finalidade do mosaico na pavimentação das casas: «elemento hierarquizador do espaço doméstico» e, também, «indicador do movimento e marcador do uso» desse mesmo espaço (p. 72). Tudo foi bem pensado, inclusive quando se observa a alternância indistinta de «ventos, astros, planetas e personagens mitológicos». Por outro lado, os paralelismos que foram cuidadosamente apresentados neste estudo corroboram a itinerância dos artesãos e a «circulação de cartões dos modelos representados» (p. 73).

No concernente à cronologia, explica-se que o achado de «materiais cerâmicos selados sob os níveis estratigráficos correspondentes à construção do ninfeu e do mosaico», onde constam marcas sobre ânforas Dressel 20 e Keay 16, veio permitir «afinar ainda mais as cronologias anteriormente

propostas, situando a reforma geral da *domus* por volta dos anos do reinado de Severo Alexandre (222-235 d. C.)» (p. 74).

O capítulo 6 (p. 75-88) inclui exaustiva bibliografia; destacando-se o nº 7, riquíssimo conjunto de imagens a cores, de muito boa qualidade gráfica – o que é de muito louvar, sabendo, como se sabe, quão difícil é revelar os cambiantes que o mosaicista logrou mostrar. Veja-se, a título de exemplo, como, na fig. 30, o mosaico dos Amores de Zeus, estão superiormente conseguidos os cambiantes na representação dos corpos nus das duas personagens femininas.

Os que estudamos as *villae* da Lusitânia romana damos como adquirida – ou genericamente aceite – a ideia de que, a partir do século III e, sobretudo, no século IV, os senhores viram no campo um refúgio do movimentado bulício das cidades e aí edificaram as suas *villae*, onde a decoração dos mosaicos representava como que um regresso ao passado, ao tempo glorioso de uma Roma protegida pelos seus deuses, fiel às suas memórias individualizantes. Daí também essa espécie de «renascimento cultural», que Jean Gagé tão bem soube retratar, em *Les Classes Sociales dans l'Empire Romain* (Paris, 1971).

Sucedo, todavia, que a *Domus I* está em ambiente urbano, mesmo no coração da colónia. Esse é, porventura, um aspeto deveras inovador, a salientar.

Houve já ocasião de referir o requinte do conjunto e a excelência do trabalho: os padrões geométricos e as zonas de enchimento usaram tesselas de tamanho maior e recorte regular, «colocadas com um ajuste escrupuloso entre elas, apresentando uns valores que oscilam entre 95 e 210 tesselas / dm<sup>2</sup>», enquanto «as partes figuradas têm uma densidade que oscila entre 180 e 210 tesselas / dm<sup>2</sup>, de tamanho mui variável e contorno irregular» (p. 57).

Surpreende também a quantidade de personagens representadas no mosaico do peristilo: Hélios, um vento imberbe, Selene, Mercúrio, um Dióscoro, Bóreas, o regresso da caça, o Verão.

Referiu-se a existência de cartões, cuja apresentação poderia influenciar a escolha dos motivos desejados por parte do *dominus*, da *domina* e dos seus familiares. Resultaria a escolha dessa troca de impressões, tendo em conta o espaço a ocupar e o efeito que o *dominus* tinha em mente provocar nos seus convivas: a exibição do seu *status* – cultural, económico e, até, político. Não pode, pois, deixar de pensar-se que a mentalidade e a formação terão necessariamente desempenhado, também aqui, um papel relevante. Admiramos a magnificência da Quinta da Regaleira, em Sintra; mas sentimos claramente que há ali também uma mensagem a transmitir.

Assim na *Domus I* da Praça de Armas do Alcázar Real de *Écija*: é enorme, ali, o peso da tradição!

Os trabalhos arqueológicos foram iniciados neste sítio em 2001-2002 e retomados em 2014 e 2015; em 14 de dezembro de 2017, os mosaicos seguiram para restauro nas instalações do Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, operação que se deu por terminada em dezembro de 2018. Desde novembro de 2019 que estes mosaicos podem ser contemplados *in situ*.

**JOSÉ D'ENCARNAÇÃO**

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

jde@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-9090-557X>